

ANEXO II - RESUMO EXPANDIDO**TRILHA INTERPRETATIVA: EM BUSCA DA SERINGUEIRA, A SAGA DO OURO BRANCO.**

PÔSTER

O Museu Paraense Emílio Goeldi- MPEG tem grandes parcerias, dentre elas, a Rede Brasileira de Jardins Botânicos- RBJB, responsável pelo Projeto O Jardim Botânico vai à Escola-JBVE. O JBVE é uma iniciativa de um projeto maior e internacional, “Investing in Nature” do “Botanic Garden Conservation International” (BGCI), coordenado aqui no Brasil pelo Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e a RBJB, com patrocínio do Banco Mundial HSBC. Este projeto foi elaborado pela Comissão de Educação Ambiental-CEA da RBJB, cujo objetivo é: *“Estabelecer um processo de comunicação e educação botânicos na conservação da biodiversidade e na promoção da sustentabilidade socioambiental ambiental com a comunidade escolar, de forma a divulgar o papel dos jardins.”* O projeto tem como linhas principais o enfoque participativo, o reconhecimento do saber local, a interdisciplinaridade e a flexibilização para adaptações regionais. Dentre as opções estratégicas educativas que podem ser utilizadas no Museu tem-se o uso de trilhas educativas, as quais possuem um papel essencial, pois são elas que levam os visitantes aos mais diversos ambientes proporcionando uma experiência única de interação com a biodiversidade amazônica. A Trilha em busca da seringueira, a saga do ouro branco trata-se de uma trilha interpretativa no museu, que trás à tona a importância da seringueira na Amazônia e no mundo, o apogeu histórico e cultural além de sua conservação.

“Uma vez que reconhecemos que as crianças em diferentes idades ou estágios possuem necessidades diferentes, respondem a diferentes formas de informação cultural e assimilam conteúdos com diferentes estruturas motivacionais e cognitivas, os tipos de regimes educacionais os tipos de regimes educacionais planejados por nós precisam levar em conta esses fatores desenvolvimentais” (GARDNER, 1995).

Ao ir ao museu, a escola proporciona aos seus alunos o contato com objetos e a vivência de experiências que, em geral, não fazem parte do universo da escola. Os museus dispõem de recursos físicos e humanos que permitem a construção de ambientes em que o aluno experimenta, em contexto, aspectos concretos de conceitos científicos. Através do ensaio e manipulação de modelos envolvendo quer esses conceitos quer as suas aplicações tecnológicas, os alunos encetam estratégias de pesquisa pessoal das quais resulta melhor compreensão.

Objetivos: Estimular as visitas ao museu, melhorar a qualidade das monitorias realizadas tornando-as mais atraentes e instigar a participação dos visitantes. Elaborar uma trilha interpreto-educativa sobre a Seringueira (*Hevea brasilienses* Muell. Arg.).

Metodologia: Foi realizada uma vasta pesquisa bibliográfica da *Hevea brasiliensis* Muell. Arg. Também houve pesquisa de campo em outras instituições de pesquisa como a Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA, EMBRAPA Oriental e o Parque do Seringal. Mapeamento das seringueiras lotadas no Parque Zoobotânico do MPEG Os materiais elaborados, contaram com, *banners*, livros didáticos do próprio Museu e os frutos e sementes recolhidas durante o período de dispersão no Parque. A atividade se deu com uma visita orientada marcada previamente no Núcleo de visitas Orientadas do Parque Zoobotânico- Nuvop e com monitores do mesmo. A trilha foi dividida em quatro estações, que continham informações sobre a seringueira, os materiais foram usados durante a trilha para demonstração e o entendimento concreto do que se falava, e os livros usados como *feedback* ao final da atividade ressaltando assim que mais se fixava.

Conclusão: A atividade mostrou-se valida e de grande valor, não somente pela riqueza da pesquisa, mas também, ao caráter evocativo e participativo que a trilha revelou. Tornando a visita ao museu mais atraente e motivadora, reduzindo os abismos entre o ambiente escolar e os Museus. A pesquisa tornou-se essencial e indispensável para o aprofundamento e o conhecimento mais refinado. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE). Concluimos que a trilha pode e deve ser usada pelas escolas e instituições interessadas para complemento de conteúdo, mostrando-se diversificada a Biologia, História e Geografia e que as visitas ao Museu tornem-se mais rotineiras sem ser enfadonhas, mas sim, como uma participação ativa e continuada num aprendizado oferecendo uma oportunidade muito maior de entendimento. Os museus de ciências e os museus para crianças tornaram-se local para exposições, atividades e modelos de papel derivados precisamente destes domínios que realmente entusiasmam as crianças; o que elas costumam encontrar lá representa algum tipo de ocupação, habilidades e aspirações que as estimulam e motivam legitimamente(GARDNER). Com os resultados foi aludida uma bolsa de iniciação científica ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq pelo Museu Paraense Emílio Goeldi ao Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, PAULO B. Espécies mais importantes. In: CAVALCANTE, PAULO B.(Org.). *Guia Botânico do Museu Goeldi*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006. Pag.21-25.

FREIRE, PAULO. Saberes Necessários à Prática Educativa. *Pedagogia da Autonomia*. ARTMED: 1996. P. 16.

GARDNER, HOWARD. A relação da inteligência com outras capacidades humanas valorizadas. *Inteligências Múltiplas A Teoria na Prática*. ARTMED: 1995. P. 58.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. MPEG. *O Museu da Amazônia*. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/portal/content/jardim-bot%C3%A2nico-vai-%C3%A0-escola> . Acesso em: 05 de dez.2013.

RENDEIRO. M.F.B. JÚNIOR. M.A. S. TERÁN. A.F. O uso de trilhas para o ensino das ciências. In: *2º Simpósio em Educação em Ciências na Amazônia VII Seminário de Ensino de Ciências na Amazônia*, 2012. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2012.p 10.